26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

**ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**
**ISSN 2177-3688**

**GT 10 – Informação e Memória**

# **SALA ZILA MAMEDE**: UM LUGAR DE MEMÓRIA E MEDIAÇÃO CULTURAL

## ***SALA ZILA MAMEDE:*** *A PLACE OF MEMORY AND CULTURAL MEDIATION*

**Maria do Socorro do Nascimento Oliveira** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte /(UFRN)
**Patrícia Ladeira Penna Macêdo** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte /(UFRN)

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Este estudo analisa a Sala Zila Mamede, situada no Setor de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como lugar de memória e espaço de mediação cultural. No espaço, encontra-se um acervo híbrido, composto por arquivo pessoal, documentos bibliográficos e objetos museológicos, de significativo valor histórico, cultural e informacional. O objetivo é analisar a Sala Zila Mamede como lugar de memória e mediação cultural, considerando seu papel na preservação e divulgação da memória de Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da sociedade local. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, realizada mediante pesquisa bibliográfica, documental e observação *in loco*, de forma participante. Os resultados indicam que a composição híbrida do acervo, a organização dos documentos e as práticas de mediação cultural desenvolvidas por meio de visitas guiadas expositivas contribuem para construção e socialização de narrativas sobre a trajetória profissional e intelectual de Zila Mamede. Conclui-se que a articulação entre documentos, espaço, narrativas e sujeitos favorece a atribuição de sentidos, a apropriação e a compreensão da Sala como lugar de memória.
**Palavras-chave:** Sala Zila Mamede; lugar de memória; arquivo pessoal; memória social; mediação cultural.

**Abstract:** This study analyzes the Zila Mamede Room, located within the Special Collections Sector of the Central Library at the Federal University of Rio Grande do Norte, as a site of memory and a space for cultural mediation. The space houses a hybrid collection comprising

personal archives, bibliographic documents, and museum objects of significant historical, cultural, and informational value. The objective is to examine the Zila Mamede Room as a site of memory and cultural mediation, considering its role in preserving and disseminating the legacy of Zila Mamede, the Federal University of Rio Grande do Norte, and the local community. This is a qualitative study of a descriptive and exploratory nature, conducted through bibliographic and documentary research as well as participatory on-site observation. The results indicate that the collection's hybrid composition, the organization of documents, and the cultural mediation practices, carried out through guided exhibition tours, contribute to constructing and sharing narratives regarding Zila Mamede's professional and intellectual journey. The study concludes that the interplay between documents, space, narratives, and individuals fosters the attribution of meaning, the process of appropriation, and an understanding of the Room as a site of memory.
**Keywords:** Sala Zila Mamede; place of memory; personal archive; social memory; cultural mediation.

## 1 INTRODUÇÃO

A relevância estratégica dos espaços de memória e dos arquivos tem sido reiterada na literatura da Ciência da Informação, sobretudo por sua capacidade de articular preservação, acesso, patrimônio e construção de sentidos. Nunes e Mello (2025, p. 1), por exemplo, destacam a "relevância de espaços memoriais para a valorização do legado científico-cultural e para o fortalecimento dos vínculos entre a universidade e a sociedade", uma vez que eles atuam como disseminadores da informação, mediante práticas informacionais e culturais, que reforçam o vínculo entre instituições, sujeitos e sociedade, de modo a contribuir com a preservação da memória institucional e social.

Nesse contexto, insere-se a Sala Zila Mamede, localizada no Setor de Coleções Especiais da Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Trata-se de um espaço dedicado a preservação e divulgação da trajetória da bibliotecária e poetisa Zila da Costa Mamede, reunindo diferentes conjuntos documentais e objetos relacionados à sua vida pessoal, profissional e intelectual.

Natural de Nova Palmeira, na Paraíba, mudou-se com a sua família para Natal ainda muito jovem. Como bibliotecária, poetisa, escritora e intelectual potiguar, Zila Mamede promoveu a democratização da educação e da cultura na UFRN e no estado do Rio Grande do Norte. Na UFRN, foram 21 anos de contribuições, atuando junto ao sistema de bibliotecas da Universidade. Após sua morte, em 19 de dezembro de 1985, a Biblioteca Central foi denominada de Biblioteca Central Zila Mamede (Biblioteca Central Zila Mamede, 2026).

Em função do legado e das contribuições significativas de Zila Mamede no âmbito

intelectual, científico, social e cultural, sobretudo para a UFRN e o estado do Rio Grande do Norte, foi institucionalizado um espaço denominado Sala Zila Mamede, objeto empírico desta pesquisa, destinado a reunir, organizar, preservar e disponibilizar ao público documentos relacionados à sua trajetória pessoal, profissional e poética, possibilitando diferentes formas de acesso e de construção de sentidos sobre o seu legado.

É importante destacar que, neste trabalho, o termo arquivo pessoal é utilizado para designar o conjunto de documentos produzidos, recebidos e acumulados por Zila Mamede no decorrer de suas atividades e relações. Já o termo acervo da Sala Zila Mamede é empregado em sentido mais amplo, abrangendo o arquivo pessoal, a coleção bibliográfica e os objetos de natureza museológica vinculados à titular. A hibridez, portanto, não é atribuída ao arquivo pessoal propriamente dito, mas à configuração do acervo reunido e apresentado no espaço memorial.

Nessa direção, o estudo busca compreender em que medida a composição e a organização do acervo da Sala Zila Mamede contribuem para a sua compreensão como lugar de memória, evidenciando as relações entre patrimônio, memória e produção de sentidos na preservação e divulgação da sua trajetória profissional e poética. Portanto, mais do que um ambiente destinado à custódia, a Sala constitui um espaço no qual diferentes documentos são articulados por meio de práticas de mediação cultural.

Diante disso, parte-se da seguinte questão de pesquisa: de que maneira as práticas de mediação cultural desenvolvidas na Sala contribuem para a sua constituição como lugar de memória institucional e social? Para tanto, destaca-se como objetivo deste estudo analisar a Sala Zila Mamede como lugar de memória, a partir da composição e organização do seu acervo e das práticas de mediação cultural desenvolvidas no espaço, considerando seu papel na preservação e divulgação da memória de Zila Mamede, da UFRN e da sociedade local.

## 2 A SALA ZILA MAMEDE E A MATERIALIZAÇÃO DE UM LUGAR DE MEMÓRIA

Em entrevista concedida ao programa Memória Viva, da TV Universitária da UFRN, publicado em livro, em 1987, Zila Mamede relatou lembranças de sua infância:

> Até cinco ou seis anos de idade, morei em Nova Palmeira, e meu avô tinha um sítio (não era uma fazenda) onde ele reunia os dezesseis ou dezoito netos, [...] a gente ia para lá para ir com ele ao roçado comer melancia, tomate cereja, um tomate pequeno que brotava no mato (Mamede, 1987, p. 11).[1]

[1] O programa Memória Viva, com Zila Mamede, foi publicado em livro em 1987, após a sua morte.

Ao rememorar experiências vividas na infância, Zila Mamede reconstrói o passado a partir de referências constituídas socialmente. Para Halbwachs (2006), a memória individual não se forma de maneira isolada, uma vez que o ato de recordar se ancora nos quadros sociais fornecidos pelos grupos aos quais o sujeito pertence. A lembrança individual constitui, assim, um ponto de vista particular sobre a memória coletiva, produzido a partir das relações familiares, profissionais, institucionais e culturais nas quais o indivíduo está inserido.

De fato, como uma colecionadora de lembranças, Zila Mamede registrava suas relações em uma gama de suportes. Nesse sentido, Macêdo e Cunha (2024) colocam que a prática individual de registrar em documentos as interações sociais, culturais, políticas e religiosas ao longo da vida tem como resultado os arquivos pessoais. Para as autoras, nos arquivos pessoais:

> [...] encontram-se registros de transações de negócios, documentos frutos de relação individual com o Estado, das suas atividades profissionais, religiosas, públicas, bem como de seus *hobbies* e interesses, o que seriam os fragmentos da vida e dos relacionamentos, representados na forma documental (Macêdo; Cunha, 2024, p. 2).

Ao registrar sistematicamente a própria trajetória, Zila Mamede viabilizou a constituição de seu arquivo pessoal. Esse conjunto documental permite identificar não apenas suas vivências e impressões individuais, mas também fatos históricos, culturais e sociais intrinsecamente ligados a uma coletividade, tempo e espaço específicos (Macêdo; Cunha, 2024). Desse modo, o arquivo pessoal de Zila atua como um testemunho material das memórias coletivas das instituições e grupos sociais.

No que diz respeito ao processo de institucionalização do acervo, este teve início em janeiro de 1987, com a primeira doação realizada por seus familiares logo após o seu falecimento. Ao longo desse processo, foram incorporados não apenas documentos integrantes do arquivo pessoal, mas também materiais de sua coleção bibliográfica e objetos relacionados à sua trajetória pessoal e profissional.

É importante registrar que, no presente trabalho, esse acervo é identificado pelo termo “documento”, adotado aqui sob uma perspectiva contextual e biográfica, considerando que o nexo que une esses itens é a própria figura de Zila Mamede, o que justifica a coexistência de diversos documentos (bibliográficos, arquivísticos e museológicos). Isso posto, o hibridismo do acervo, ou hibridismo documental, enriquece esse espaço de memória, pois permite compreendê-lo a partir de seus valores históricos, culturais e informacionais.

Nesse contexto, destacam-se, também, as concepções de Briet (2016), que concebe e elabora o conceito de documento para além do texto escrito. Em seu entendimento, os objetos tornam-se documentos quando as informações neles contidos são processadas e lhes atribuem sentido, promovendo-os à condição de objetos de estudo.

Na análise de Briet (2016, p. 13), o documento é "todo indício, concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual". Sendo assim, a concepção de documento atribuída por Briet (2016) pode ser identificada no arquivo pessoal de Zila Mamede, na coleção bibliográfica e nos objetos disponibilizados no espaço que apresenta sua trajetória de vida profissional e intelectual, bem como a história e a memória das instituições.

Nesse sentido, Birari (2025) assevera que a coexistência de documentos arquivísticos, bibliográficos e museológicos em espaços de memória permite uma abordagem holística, pois combina a rigidez científica com a criatividade expositiva, ultrapassando a função informativa e passiva para constituir-se como testemunho material de processos históricos e culturais. Desse modo, a curadoria de documentos híbridos favorece uma exposição plural, representativa e inclusiva, contribuindo para a democratização do acesso (Birari, 2025).

É importante registrar que inicialmente o arquivo pessoal de Zila Mamede e sua coleção bibliográfica ficaram salvaguardados na Sala de Obras Raras. No entanto, conforme apresentado na Figura 1, somente em 2016 um espaço foi projetado, com o objetivo de reproduzir o lugar de trabalho da bibliotecária e poetisa, bem como receber os documentos já existentes.

**Figura 1** - Sala Zila Mamede



**Fonte:** Anastácia Vaz (2016).

Com o objetivo de adequar o espaço às novas demandas de preservação, acesso e divulgação, em 2025, o espaço foi reinaugurado, passando a compor móveis antigos comprados na gestão da própria Zila Mamede, conforme a Figura 2, a seguir.

**Figura 2 -** Sala Zila Mamede. Espaço reinaugurado




**Fonte:** Elaboração própria (2026).

O acervo da Sala Zila Mamede compreende documentos que datam desde 1928, totalizando 3.845 itens. O conjunto é composto por cerca de 507 fotografias e negativos, além de um expressivo número de objetos, em que se destacam: mesa de trabalho, cadeiras e um conjunto de sofá, vinculados à sua gestão como diretora da Biblioteca Central, máquina de datilografia, utilizada para a escrita de suas poesias e correspondências, medalhas de honra ao mérito e participações em eventos, instrumentos técnicos (transferidor de metal) e adornos de valor afetivo, a exemplo do bibliocanto em cerâmica e pingente em osso com a letra “Z”.

No espaço de memória, são encontrados ainda documentos relativos à atuação administrativa de Zila Mamede, abrangendo desde atos normativos, como portarias e resoluções, até registros de interlocução institucional, como convênios e correspondências. Tais documentos refletem sua participação ativa em instâncias deliberativas e executivas, como o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e o Departamento de Cultura da Associação dos Funcionários da Universidade. A análise desses relatórios, projetos e agendas permite mensurar o impacto de suas ações na estruturação administrativa e cultural, consolidando-a como figura central para a história institucional da UFRN e do estado.

Além disso, encontram-se custodiados periódicos, cordéis, folhetos, livros de diversas áreas do conhecimento, com predominância em literatura brasileira e estrangeira, com dedicatórias e anotações de escritores como Carlos Drummond de Andrade, Ariano Suassuna, Oscar Niemeyer, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, dentre outros, o que comprova seu ciclo de amizade e rede de contato com grandes personalidades nacionais.

O acervo reúne, ademais, a produção intelectual da escritora, abrangendo desde livros publicados até manuscritos originais e discursos. A esfera íntima e as redes de sociabilidade de Zila são evidenciadas por diários de viagem, cartões-postais, registros de depoimentos de amigos e um volumoso número de correspondências (cartas expedidas e recebidas). Destaca-se, ainda, o registro das memórias realizado pela própria autora, que organizou coletâneas de recortes de jornais contendo suas poesias, entrevistas e notícias de lançamentos.

No que tange às suas interlocuções intelectuais, encontram-se documentos e manuscritos referentes a figuras reconhecidas dentro e fora do país, além de registros de sua formação acadêmica no curso de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), em 1964. Por fim, a dimensão civil e biográfica é composta por certificados e documentos pessoais diversos, como registros de identidade, funcionais e de associações, além de um vasto conjunto fotográfico que documenta sua vida familiar e o convívio com profissionais da Biblioteconomia e do campo literário.

Por meio do que foi exposto anteriormente, fica evidente que Zila Mamede tinha o hábito de registrar e arquivar a sua própria vida. Portanto, a acumulação desses documentos pode ser compreendida como a construção de um “arquivo de si”. Nesse sentido, Artières (1998) coloca que essa prática se configura como uma intenção de autobiografia. O autor ressalta ainda que “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor a imagem social, a imagem íntima de si próprio” e, nesse sentido, “o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (Artières, 1998, p. 3).

Ao arquivar a própria vida, o indivíduo está sujeito ao olhar e julgamento do outro. No entanto, isso não foi um impedimento para a bibliotecária e poetisa, pois, em seu arquivo pessoal, constam nos seus manuscritos suas vivências, lutas diárias, vitórias, dificuldades, angústias, arrependimentos e decepções. A esse respeito, Artières (1998) afirma que os arquivos pessoais são resultados das escolhas do indivíduo, ao decidir o que deve ou não ser

arquivado, ficando, portanto, para a sociedade o resultado da escolha do que deve ou não ser apresentado.

Gomes e Campos (2025) apresentam que, inicialmente, os arquivos pessoais trazem informações sobre a história e a memória de seu produtor. No entanto, por estarem diretamente relacionados a contextos histórico, institucional e social, terminam por contribuir com a construção da memória coletiva e a reconstrução da história, assumindo, portanto, uma importante função social. Nessa direção, Gomes e Campos (2025, p. 2) continuam afirmando que, como patrimônio, os arquivos acumulados por pessoas "são imprescindíveis para a construção da história e de memórias individuais e coletivas", o que "justifica os processos de institucionalização".

Nessa direção, destaca-se que sua institucionalização pela UFRN transforma o que era originalmente privado em patrimônio coletivo público, ampliando suas possibilidades de acesso, pesquisa e ressignificação social. É nessa intersecção entre a vontade individual e o reconhecimento social que a Sala Zila Mamede se apresenta como um possível lugar de memória.

## 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e observação participante *in loco*. A articulação desses procedimentos buscou compreender a Sala Zila Mamede não apenas a partir da composição do acervo nela custodiado, mas também dos processos de institucionalização, organização, exposição e mediação cultural que participam de sua configuração como lugar de memória.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, que embasou a fundamentação teórica, a análise e a discussão dos resultados. Foram privilegiadas discussões relacionadas a memória individual e coletiva, lugares de memória, materialização da memória, enquadramento da memória, pertencimento e identidade cultural, arquivos pessoais, narrativa de si, documento e mediação cultural. Esse referencial orientou tanto a compreensão da constituição do acervo quanto a análise das relações estabelecidas entre documentos, objetos, espaço, narrativas e práticas de mediação.

A pesquisa documental incidiu sobre documentos integrantes do arquivo pessoal de Zila Mamede e sobre materiais de sua coleção bibliográfica e objetos de natureza museológica

apresentados na Sala. A seleção dos elementos analisados não teve como objetivo realizar um inventário exaustivo do acervo, mas identificar aqueles mobilizados na configuração do espaço e nas práticas de mediação cultural. Foram considerados, especialmente, documentos e objetos relacionados à trajetória profissional, intelectual e institucional de Zila Mamede, às suas redes de sociabilidade e à sua atuação na UFRN, entre os quais correspondências, documentos administrativos, manuscritos, fotografias, livros com dedicatórias, mobiliário e a máquina de escrever.

Outra parte deste trabalho pautou-se na observação *in loco*, de forma participante, considerando a atuação profissional da pesquisadora como bibliotecária na Sala Zila Mamede. Essa inserção possibilitou observar, de maneira sistemática, desde o planejamento até as práticas de mediação cultural desenvolvidas durante as visitas guiadas expositivas. A observação participante foi realizada entre os meses de janeiro e dezembro de 2025, período no qual foram acompanhadas 1050 visitas guiadas expositivas, com público formado majoritariamente por alunos de graduação.

A análise foi norteada pelas seguintes categorias: composição do arquivo pessoal, tendo em vista a natureza e o hibridismo documental; organização e disposição, contemplando as formas de ordenação, seleção e apresentação dos materiais no espaço; mediação cultural, considerando as estratégias utilizadas nas visitas guiadas expositivas para articular documentos, narrativas e sujeitos; e memória e produção de sentidos, buscando identificar os elementos que contribuíram para a construção das narrativas apresentadas e possibilitam compreender a Sala como lugar de memória.

Para o registro das atividades e das observações, foram utilizados relatórios de atividades e registros fotográficos. Os registros foram analisados de forma interpretativa, considerando as categorias norteadoras. A análise desses elementos permitiu estabelecer relações entre os documentos, as narrativas memorialísticas e as práticas de mediação, contribuindo para compreender como a Sala Zila Mamede se constitui como lugar de memória.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A memória individual não existe de maneira isolada; ela faz parte e está profundamente enraizada nos quadros sociais da memória, conforme o entendimento de Halbwachs (2006). Embora o ato de lembrar seja inerente a cada indivíduo, cada memória

individual constitui um ponto de vista singular que compõe a memória coletiva do grupo ao qual o sujeito se vincula. Nessa perspectiva, os diversos grupos sociais – familiares, institucionais, poéticos – contribuem com o indivíduo para construir seu presente e reconstruir o seu passado.

Na fronteira entre a memória individual e a memória coletiva, insere-se o acervo da Sala Zila Mamede, onde as correspondências afetivas, os cartões-postais e as fotos de família coexistem com relatórios técnicos, livros e máquinas de escrever. O arquivo pessoal de Zila Mamede revela as estratégias, as angústias, os silenciamentos, as tensões, os momentos políticos vividos, os ciclos de amizade e afetividade, as dificuldades e as disputas de poder no âmbito profissional, cultural e social (Pollak, 1992). Diante das memórias reveladas, o espaço narra e conta a história de vida profissional e poética, como também as suas contribuições e legado, dentro e fora da UFRN, nas áreas de Biblioteconomia, Educação e Cultura.

A Sala Zila Mamede, portanto, é um espaço de grande relevância para a Biblioteca Central Zila Mamede da UFRN, pois possibilita a materialização e a cristalização da memória institucional e social, preservando não apenas a trajetória de Zila Mamede, mas também aspectos significativos da história cultural, intelectual e educacional do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, Gomes e Campos (2025) asseveram que, embora inicialmente os arquivos pessoais estejam relacionados à história e à memória de seus produtores, encontram-se vinculados aos contextos históricos e sociais nos quais esses sujeitos atuaram.

A esse respeito, Nora (1993, p. 14) afirma que os locais onde se preservam coleções capazes de identificar, unir e conferir sentido a uma coletividade constituem “lugares onde a memória se cristaliza”. Esses espaços, carregados de significados simbólicos e afetivos, configuram-se como verdadeiros “lugares de memória”, uma vez que possibilitam a permanência, a ressignificação e a transmissão das experiências históricas e culturais entre diferentes gerações.

Esses lugares são carregados de uma vontade de memória e constituem um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, enquanto a história corresponde a uma representação do passado (Nora, 1993). Nesse sentido, o autor continua inferindo:

> A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta à dialética lembrança/esquecimento. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do

> passado, operação intelectual que sempre busca a análise e o discurso crítico. É justamente esse lado crítico que destrói a memória espontânea (Nora, 1993, p. 14).

Aproximando a Sala Zila Mamede da concepção de Nora (1993, p. 14) acerca dos lugares de memória, onde os "suportes exteriores e de referências tangíveis" materializam a "história-memória", percebe-se que os elementos materiais custodiados atuam como mediadores da lembrança, permitindo que diferentes sujeitos acessem, interpretem e ressignifiquem o passado.

Dessa forma, a Sala não constitui uma reprodução neutra da memória de Zila Mamede. A passagem do âmbito privado para o institucional acrescenta novas camadas de seleção, organização e interpretação aos vestígios acumulados pela titular. A institucionalização transforma, portanto, não a natureza arquivística dos documentos, mas suas condições de acesso, circulação e significação social, inserindo-os em um dispositivo institucional de memória.

Portanto, espaços como a Sala Zila Mamede evidenciam justamente essa ampliação conceitual da memória, que ultrapassa a dimensão material do documento e envolve processos de ressignificação, apropriação e construção identitária. A organização desse tipo de documento demanda não apenas ações técnicas de preservação, mas também estratégias voltadas ao acesso, à difusão e à socialização das memórias ali reunidas, possibilitando a permanência e a ressignificação desses registros no âmbito social e institucional.

Nesse ponto, chama-se a atenção para o bibliotecário, que desempenha um importante papel como mediador da informação e da cultura durante as visitas guiadas expositivas, uma vez que é responsável pelo planejamento e pela execução das práticas de mediação, direcionadas de acordo com o perfil de cada público que frequenta a Sala Zila Mamede, desde estudantes dos anos iniciais até pesquisadores e docentes da pós-graduação. Nessa direção, Almeida Júnior (2010, p. 80) pontua que o bibliotecário é "o profissional que medeia a necessidade informacional e as informações adequadas que sanam ou satisfazem" as necessidades do sujeito.

De forma direcionada, Perrotti e Pieruccini (2008, *online*) conceituam a mediação cultural em bibliotecas como "um conjunto de elementos de diferentes ordens (material, relacional, semiológica) que se interpõem e atuam nos processos de significação". Os autores continuam apontando que a mediação cultural é uma:

> [...] ação de produção de sentidos e não mera intermediação ou transmissão anódina de signos. Nesse sentido, os dispositivos informacionais são dispositivos de mediação e estão carregados de conceitos e significados. Necessitam, portanto, ser considerados além de suas dimensões funcionais. São processos simbólicos, discursos. Contam. Narram (Perrotti; Pieruccini, 2008, *online*).

No que concerne à mediação cultural, ao adentrar a Sala Zila Mamede, o usuário é recebido por um bibliotecário que estabelece mediações entre as memórias registradas e os sujeitos, favorecendo o reconhecimento do valor histórico, cultural, informacional e simbólico do lugar. Esse processo ocorre por meio da articulação entre documentos, narrativas memorialísticas e sujeitos, considerando suas vivências e interpretações, possibilitando a construção de novos conhecimentos, memórias e demandas informacionais e culturais.

A sala, o birô, o conjunto de sofás e o espaço expositivo constituem um ambiente que remete à concepção de lugar de memória, conforme posto por Nora (1993). Assim, o espaço não deve ser tratado como um lugar neutro, mas como um lugar de memória em suas dimensões material, funcional e simbólica. A ausência física do sujeito histórico e cultural é preenchida e cristalizada pelos vestígios e pelas marcas do que foi vivido por Zila Mamede.

O birô representa Zila Mamede em sua atuação como profissional, acadêmica, pesquisadora e intelectual, além de remeter ao espaço no qual ela se correspondia com instituições e literatos. O conjunto de sofás remete às relações de sociabilidade mantidas por Zila Mamede ao receber autoridades da educação e da cultura. Nos documentos, emergem marcas materiais e simbólicas de experiências, relações e práticas vivenciadas ao longo de sua trajetória, constituindo elementos mobilizados na preservação da memória e na produção de sentidos como forma de resistência ao esquecimento (Pollak, 1992). Todo o entorno material foi pensado para evocar e preservar a memória coletiva (Halbwachs, 2006).

Sobre o seu birô, encontra-se uma máquina de datilografia, com um poema exposto entre muitos outros datilografados, que transcendem a função decorativa. Nela, apresenta-se uma dialética reveladora: uma Zila Mamede preocupada com a ilegibilidade de sua grafia. Se, por um lado, sua letra cursiva ilegível traz os vestígios e as marcas da subjetividade do eu, por outro, a máquina de datilografia traz um registro decodificável e estruturado para uma coletividade. Ao se debruçar sobre seus manuscritos, percebe-se uma Zila Mamede preocupada com os segredos de sua grafia e com a decodificação que sustenta sua trajetória para uma coletividade. Isso é perceptível na narrativa expressa em carta para uma amiga:

> […] se você recebesse carta manuscrita por mim, você chamaria um decifrador egípcio: já em 1961, quando estava nos Estados Unidos, minha Mãe me pediu: "por favor, mande cartas datilografadas: não consigo ler o que você escreve, é só garrancho". Aí eu comprei máquina de escrever, porque a que eu tinha antes, vendi para comprar um casaco para enfrentar a nevona que eu enfrentei ali (Mamede, 1982, p. 1).

Este pequeno relato autobiográfico permite realizar diversas inferências acerca da relação entre as memórias individuais e coletivas. No trecho, Zila Mamede evidencia o grupo familiar como o quadro social mais primário, duradouro e estruturante de sua memória, revelado de forma afetiva ao relatar o pedido de sua mãe para que lhe enviasse cartas datilografadas, revelando, ainda, uma Zila descontraída. Outro aspecto evocado de sua memória e registrado em suas narrativas diz respeito ao período em que esteve nos Estados Unidos realizando sua especialização e estágio técnico, bem como às suas dificuldades materiais e sua estratégia de sobrevivência como mulher nordestina de origem simples (Halbwachs, 2006).

Ressalta-se que as narrativas foram motivos de estudo para as turmas de paleografia, patrimônio cultural e história dos registros do curso de Biblioteconomia e História. O uso pedagógico do espaço e do arquivo pessoal é um exemplo da ressignificação, em que os estudantes de graduação têm a oportunidade de problematizar como a própria instituição de ensino agência, documenta e preserva a sua história.

Ainda sobre o seu birô, há um compilado de documentos a respeito de convênios entre instituições para formar profissionais bibliotecários que anos depois passaram a atuar na BCZM e na UFRN. Esse trabalho de "enquadramento da memória", mediado pelo bibliotecário, apresenta o esforço contínuo para construção de sentido, coerência e continuidade da memória coletiva. Ao analisar os documentos, o sujeito participa do enquadramento e legitima a história da bibliotecária, da instituição e do estado (Pollak, 1992).

Acerca do espaço e da memória coletiva, Halbwachs (2006, p. 99) apresenta que "não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial". Isso posto, não seria possível compreender o passado se não pudéssemos recuperá-lo por meio do espaço que nos cerca. Desse modo, para que reapareça essa ou aquela lembrança, a exposição, localizada no centro da Sala Zila Mamede, deixa de ser apenas uma curadoria de documentos, passando a constituir um quadro espacial que possibilita a fluidez das lembranças.

Atuando como um lugar com vontade de memória e repleto de intencionalidade, a exposição no centro da sala (Nora, 1993) evidencia as formas de sociabilidade da poetisa e bibliotecária. Nele, coexistem diversos quadros sociais da memória (Halbwachs, 2006), entre eles, a dimensão afetiva, que apresenta uma rede de amizade, respeito, admiração e afetividade mantida com grandes literatos e profissionais bibliotecários. Por outro lado, destaca-se a dimensão técnica, institucional e política, na qual se insere um sujeito histórico e cultural que debate estruturas poéticas e políticas editoriais, além de políticas públicas voltadas para bibliotecas, livros e bibliotecários.

A visita guiada continua e o bibliotecário atentamente vai mediando sobre publicação de livros, aconselhamentos, construções de bibliotecas, convites para assumir a direção da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, do INL em Brasília, dentre outras narrativas, as decisões de Zila Mamede em ficar no estado e na UFRN.

Ao expor os documentos, o arquivo pessoal passa por um processo de patrimonialização, por meio do qual o testemunho privado se torna patrimônio cultural coletivo, vinculando a narrativa histórica de Zila Mamede à UFRN e ao estado do Rio Grande do Norte. Essa perspectiva evidencia a dimensão contemporânea da Ciência da Informação, na qual os documentos e os espaços de memória passam a ser compreendidos como Lugares de Memória, não apenas como ambientes de custódia documental, mas também como espaços de mediação, construção identitária, produção de sentidos e preservação da memória coletiva e social.

Desse modo, a principal contribuição analítica do caso está na possibilidade de compreender a Sala Zila Mamede como um dispositivo de construção e mediação da memória, no qual arquivo pessoal, coleção bibliográfica, objetos, espaço e narrativas permanecem conceitualmente distintos, mas são articulados institucionalmente. Mais do que conservar uma memória previamente constituída, a Sala participa da produção de uma representação pública da trajetória de Zila Mamede e de sua inserção na memória da UFRN e no contexto cultural e intelectual do Rio Grande do Norte.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sala Zila Mamede caracteriza-se como um espaço de memória constituído de um conjunto documental que contém significativo valor simbólico, histórico, cultural e informacional. Percebe-se que a criação e a ampliação desse espaço de memória têm

possibilitado o recebimento frequente de estudantes e pesquisadores dos cursos de Biblioteconomia, História, Letras, Turismo, Jornalismo e áreas afins, especialmente daqueles que desenvolvem estudos relacionados ao patrimônio cultural, à memória, à literatura, à comunicação e ao arquivo pessoal.

Por meio das visitas guiadas expositivas, os visitantes têm acesso aos documentos bibliográficos, arquivísticos e museológicos que compõem o acervo de Zila Mamede, a partir dos quais são construídas e apresentadas narrativas memorialísticas sobre sua atuação profissional e intelectual nas instituições locais e nacionais. Também é perceptível, durante as mediações, a presença de narrativas memorialísticas referentes ao seu protagonismo na criação e no fortalecimento de bibliotecas no estado do Rio Grande do Norte e na consolidação da Biblioteconomia em âmbitos local e nacional.

Entende-se que a Sala Zila Mamede está organizada de modo a ultrapassar a função tecnicista e expositivista do acervo, constituindo-se também como um ambiente de mediação cultural, construção de sentidos e apropriação. No espaço, as estantes de livros, o birô, as cadeiras e o conjunto de sofá constituem elementos narrativos que evocam sua atuação profissional e social. Esses elementos evidenciam o entrelaçamento e a articulação de diferentes dimensões da memória, uma vez que, em distintos momentos, remetem à sua trajetória profissional e acadêmica, bem como à história da UFRN, da sociedade local e de instituições nacionais.

Nesse contexto, percebe-se a importância do bibliotecário como mediador cultural, responsável pelo planejamento das visitas guiadas expositivas e pela articulação das narrativas memorialísticas a partir dos documentos expostos no espaço, considerando as especificidades de cada público. Essa mediação possibilita estabelecer relações entre os documentos, as narrativas e os sujeitos, favorecendo a atribuição de sentidos, a apropriação e a percepção da Sala como lugar de memória.

Por fim, a Sala Zila Mamede contribui como espaço fundamental para preservação, difusão e socialização da memória de Zila Mamede, articulada à memória institucional da UFRN e à memória social do Rio Grande do Norte. A Sala estabelece, assim, uma relação direta com a materialização da memória e da identidade cultural, reafirmando a relevância dos espaços de memória no âmbito da Ciência da Informação contemporânea. Nesse contexto, evidencia-se uma dimensão atual da área, voltada não apenas à custódia e à preservação

documental, mas também à mediação cultural, ao acesso à informação, à valorização do patrimônio, à apropriação e à construção de sentidos e identidades sociais.

**REFERÊNCIA**

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, informação e mediação. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Ambientes e fluxos de informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 71-82. Disponível em: https://valentim.pro.br/wp-content/uploads/2023/06/Livro_Ambientes_Fluxos.pdf. Acesso em: 1 ago. 2026.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2061/1200. Acesso em: 17 maio 2026.

BIBLIOTECA CENTRAL ZILA MAMEDE. **Histórico**. Natal: UFRN, 2026. Disponível em: https://sisbi.ufrn.br/biblioteca/bczm/sobre/historico. Acesso em: 17 maio 2026.

BIRARI, Romina. El patrimonio documental bibliográfico como objetos de las colecciones o exposiciones de los museos y bibliotecas importantes. Cuando la bibliotecología y la archivología se yuxtaponen y transversalizan con la museología y la museografía. **Prefacio**, Córdoba, v. 9, n. 14, p. 52-77, 2025. DOI: 10.58312/2591.3905.v9.n14.49332. Disponível em: https://revistas.unc.edu.ar/index.php/PREFACIO/article/view/49332. Acesso em: 3 set. 2026.

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2016.

GOMES, Amanda Pamela Santos; CAMPOS, José Francisco Guelfi. Arquivos pessoais para quê? Dinâmicas de utilidade dos arquivos acumulados por pessoas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 31, e145116, 2025. DOI: 10.1590/1808-5245.31.145116. Disponível em: https://www.scielo.br/j/emquestao/a/gQmp5YMwss4FFPxRDxcB5HJ/?lang=pt. Acesso em: 5 ago. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MACÊDO, Patrícia Ladeira Penna; CUNHA, Jacqueline Araújo. Contribuições do arquivo pessoal de Zila Mamede para a história da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Acervo**: revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 1-17, jan./abr. 2024. Disponível em: https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/2081/1984. Acesso em: 17 maio 2026.

MAMEDE, Zila da Costa. [Correspondência]. Destinatário: Malvina. Natal, 27 ago. 1982. Correspondência oficial. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/7307/1/45000036234_Arquivo_Zila_Mamede_invent%C3%A1rio.pdf

MAMEDE, Zila da Costa. **Memória viva**. Natal: UFRN, 1987. Acervo: Biblioteca Particular de Zila Mamede. Disponível: http://ftp.editora.ufrn.br/handle/123456789/3732

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul./dez. 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763. Acesso em: 17 maio 2026.

NUNES, Bianca da Silva; MELLO, Ricardo Coutinho. Memorial Arlindo Coelho Fragoso: lugar de memória institucional da Escola Politécnica da UFBA. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2025, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANCIB, 2025. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/view/935. Acesso em: 24 maio 2026.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. **InfoeducaçãoUSP**, São Paulo, 14 out. 2008. Blog. Disponível em: https://infoeducacaousp.blogspot.com/2008/10/infoeducao-saberes-e-fazeres-da.html. Acesso em: 2 ago. 2026.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941. Acesso em: 6 ago. 2026.